**O VELHO QUERECAS**

Eram tres irmãs, muito pobres, que viviam do seu trabalho aturado. N’aquella terra havia uma casa em que ninguem queria morar porque lá dentro ouviam-se de noite grandes gritos e terrores; as raparigas, para pouparem o aluguel, foram pedir para as deixarem morar n’aquella casa. A mais nova, como mais animosa, foi morar para o ultimo andar.

Uma noite, mal ella se tinha acabado de deitar, ouviu uma voz gritar:

— Eu caio!

— Pois cae! – respondeu-lhe a rapariga. De um buraco do tecto caiu uma perna. Depois soou de novo o mesmo grito:

— Eu caio!

— Pois cae! – repetiu a rapariga; e assim foram caindo os braços, o tronco, até que ella achou diante de si um homem já muito velho e calvo. O velho chegou-se proximo da rapariga, e perguntou-lhe:

— Não tens medo de mim?

— Não.

— Fazes muito bem; és a primeira e unica pessoa que resiste ao medo de me vêr. Em paga da tua coragem toma lá esta bolsa, e quando te vires n’alguma afflicção diz sempre: Valha-me aqui o velho Querecas.

O dinheiro da bolsa nunca se acabava, e as tres irmãs começaram a viver com largueza. No entretanto a mais nova começou a sentir que por mais que se fechasse no seu quarto parecia-lhe que sentia metter-se alguem na cama com ella. Lembrou-se se seria o velho Querecas, e teve uma certa repugnancia; mas para certificar-se, uma noite accendeu de repente a luz, e viu deitado ao pé d’ella um mancebo formoso, que estava adormecido. Estava tão embebida a olhar para elle, que lhe caiu um pingo de cera na cara. O mancebo acordou de repente, e disse:

— Ah! Desgraçada, o que fizeste; dobraste-me o encantamento, que estava quasi no fim! Agora não me tornas mais a ver.

A menina chorou muito, e ainda mais quando conheceu o estado em que se achava. Lembrou-se então do segundo dom, e disse:

— Valha-me aqui o velho Querecas.

— Aqui estou já, e bem sei porque me chamas. Ha só um modo de remediar o mal que a ti mesma fizeste. Toma lá estes tres novellos, e vae andando sempre, sempre até onde elles se acabarem; onde quer que seja pede que te dêm ahi pousada do ár da noite.

A rapariga chorou por ter de deixar as irmãs, mas o que ella queria era quebrar o encantamento d’aquelle moço; foi andando, andando até ir dar ao fim de muito tempo a um palacio cercado de um rico jardim. Espreitou pelo buraco da chave, e viu lá dentro uma sala com muitas mulheres trabalhando em lindos vestidos de noivado, e fazendo as roupinhas de uma criança. Teve receio de bater áquella porta, e foi rodeando o palacio, até que encontrou o hortelão, a quem pediu pousada. O hortelão respondeu-lhe:

— Você sabe em casa de quem está para vir assim pedir pousada?

— O que sei é que já me não tenho de cançada; e é por uma esmola.

O hortelão teve dó da rapariga e deu-lhe um canto no palheiro; ella deitou-se mais morta que viva, e ali mesmo deu um menino á luz. Tudo aquillo se transformou n’um quarto muito aceiado e rico. Quando o hortelão veiu ao outro dia, ficou pasmado com o que viu. Foi dar logo parte á rainha, que tambem quiz certificar-se da maravilha.

Quando chegou ao lugar em que estava a menina deu um grito ao vêr a criança:

— Oh senhora! Quem é o pae d’este menino?

A rapariga ficou muito envergonhada por não poder logo dizel-o; no meio da sua confusão contou o caso do velho Querecas. Foi então que a rainha se lembrou:

— Esse menino é o retrato de meu filho, que me desappareceu, sem nunca mais saber d’elle nova má nem boa.

A rainha levou a rapariga para o palacio, tratou de lavar a criança, e quando a despiu achou-lhe nas costas um grande signal. Reparou, e viu que era um pequeno cadeado com uma chavinha. Quiz vêr se o abria, mas com receio disse á mãe que experimentasse a vêr se dava volta áquella chavinha. Logo que a mãe pegou na chave abriu o cadeado, e immediatamente se quebrou o encantamento do principe que deveu a sua liberdade ao animo d’aquella rapariga com quem casou logo.

**A FILHA DO REI MOURO**

Um rei mouro tinha duas filhas. A mais nova queria aprender a religião e andava ás escondidas com o camarista, que a ensinava. A mais velha vendo-a uma vez sair do quarto do camarista, disse-lhe:

— Deixa estar, mana, que o pae hade saber tudo.

— Ai menina! disse o camareiro, se o rei sabe que anda a aprender a resar commigo, estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo; alevanta-te de madrugada, aparelha dois cavallos e vamos para a tua terra.

Assim fez; ella encheu tres saccos, um de cinza, outro de sal, e outro de carvão, e foram-se ambos por esse mundo fóra. Quando o rei soube da fugida, mandou a sua tropa para agarrarem o camarista e a filha, e que os matassem onde quer que os encontrassem. A cavallaria correu a toda a brida, e estava já quasi a pilhal-os, quando o camarista, olhando para traz, gritou:

— Ai menina, estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo.

E a menina despejou o saco de cinza e fez-se logo um nevoeiro tão cerrado, que a tropa não pôde dar mais um passo, e voltaram para traz a dizer ao rei:

Armou-se tamanho nevoeiro,

Que não viamos caminho nem carreiro.

O rei mandou-os avançar de novo, e que lhe trouxessem a princeza e o camarista presos.

— Ai menina, estamos perdidos! disse o camarista vendo a cavallaria quasi a alcançal-os.

— Não tenhas mêdo.

E despejou o sacco de sal, e fez-se logo ali um grande mar, que os soldados não poderam atravessar. Voltaram outra vez para traz e foram dizer ao rei:

Real senhor, achamos um grande mar

Que os cavallos não poderam passar.

O rei deu outra vez ordem de ir agarrar a filha e o camarista:

— Ai menina, estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo.

E despejou o sacco do carvão, e logo se fez uma noite muito escura, com grandes trovoadas e relampagos. As tropas voltaram, e foram dizer ao rei:

Real senhor, fugimos em debandada

Com tantos raios e tamanha trovoada.

O camarista já estava perto da sua terra, e a princeza disse-lhe:

— Eu salvei-te da morte; mas agora em chegando á tua terra já te não lembras mais de mim.

Assim aconteceu. Ella com tristeza vestiu-se de viuva, e pôz uma estalagem para poder viver. O camarista convidou tres amigos, e disse-lhes :

— Havemos ir cada um por sua vez pernoitar áquella estalagem.

Foi o primeiro, e disse que desejava ficar ali aquella noite. A estalajadeira disse que sim. Elle ficou muito contente. Quando foi para o quarto, começou a despir-se e a vestir-se, a despir-se e a vestir-se e ficou n’isto até de manhã, em que já estava muito cançado. Assim que foi dia a estalajadeira, que tinha visto tudo do andar de cima, disse-lhe que se pozesse no meio da rua, porque tinha estado a fazer zombaria da sua casa. Veiu o segundo, e tambem pediu para pernoitar; levou toda a noite a despir e a vestir a camisa, sem poder parar. Pela manhã tambem foi posto fóra com igual descompostura. Veiu o terceiro; pediu para pernoitar, e ella deu-lhe licença. Quando se ia deitar, disse que tinha muita sêde:

— Pois vá ao quintal, e tire agua d’aquelle poço.

Toda a noite o pobre do homem esteve dando á nora, e só quando foi de dia é que appareceu a estalajadeira, que o fez parar e o pôz fóra, dizendo que tinha vindo fazer zombaria da sua casa. Chegou o quarto amigo, e tambem pediu para pernoitar; ficou muito contente com a licença, porque os outros guardaram sempre o segredo do que lhes acontecera. Quando a estalajadeira estava deitada, disse:

— Ai que me esqueceu fechar a porta da rua.

— Vou eu fechal-a.

E toda a noite o hospede andou para cá e para lá a fechar a porta da rua, até que pela manhã estava estafado, e a estalajadeira o pôz fóra, por lhe querer quebrar a porta.

Os quatro amigos reuniram-se e contaram uns aos outros o succedido. Mas ainda assim o camarista, que era um d’elles, não se lembrava nem por nada da amante que abandonara com tanta ingratidão. Como elle estivesse para casar na sua terra, segundo o costume, tinha de dar um jantar tres dias antes do casamento ás pessoas com quem visinhava. Foi tambem convidar a estalajadeira viuva. Ella foi ao jantar. Quando estavam todos á mesa, combinou-se que cada um contaria a sua historia:

— A senhora, apesar de estar com esse desgosto, hade tambem contar o seu conto.

A estalajadeira pediu que lhe apresentassem duas tijellas. Bateu com uma na outra, e appareceram um pombo e uma pomba. E disse a pomba :

— Não te lembras quando me ensinavas a resar ás escondidas de meu pae?

Disse o pombo:

— Lembro-me.

— E não te lembras quando minha irmã disse que ia contar tudo ao pae, e que disseste: Ai que estamos perdidos?

E assim foi perguntando, e o pombo respondendo a tudo o que se tinha passado com a filha do rei mouro. Só ao fim de muitas perguntas é que os convidados começaram a reparar em circumstancias que se tinham dado com os quatro amigos, e o camarista conheceu a sua ingratidão:

— Real senhora, eu é que sou esse esquecido; e já desfaço aqui este casamento, para receber quem por mim deixou pae e mãe e a sua terra.

**A BICHA DE SETE CABEÇAS**

Era uma vez um homem que vivia com uma sua irmã em muito boa amizade; vem uma má d'uma vizinha e disse-lhe: «Você aqui cheiinha de trabalho e seu irmão para ali a comer na venda mais uma amiga.» «Não diga tal; isso é falso.» A vizinha veio para onde ao irmão e encontrou-o a roçar mato e disse-lhe: »Você aqui mortinho de trabalho e sua irmã em casa com um amigo a comer bons bocados.» O irmão chegou a casa; vestiu-se com o fato melhor, pegou n'uma espingarda ás costas e levou tres carneiros, tres broas de pão e tres vintens em dinheiro, que dinheiro não tinha mais. Pelo caminho pegou nos carneiros e no pão e deu tudo a um pobre que encontrou que era Nosso Senhor e elle lhe fez dos carneiros tres cães que filavam a tudo que encontravam. Era muito feliz na caça; todos os caçadores o chamavam para irem á caça com elle.

Um dia chegou a um monte e estava lá uma rapariga e assim que o viu disse-lhe: «Fuja, meu tio, que vem lá a bicha de sete cabeças e mata-o». «Que bicha será essa a que eu não posso atirar?» «É uma bicha que todos os caçadores teem andado a ver se a podem matar e não a matam e elle todos os dias come uma pessoa que vem ao monte, se lhe cae a sorte n'ella. Eu era filha do rei e caiu-me a sorte.» Elle disse: «Não tenho medo; eu hei de matal-a que trago aqui tres cães que filam a tudo.» N'isto chegou a bicha que a duas leguas de distancia já se ouvia rugir.

Chegou a bicha e elle assogou-lhe os cães e matou-a. Depois então a menina disse-lhe: «Venha commigo que ha de ter um grande premio de meu pae, que até disse que se algum homem matasse a bicha me dava a elle em casamento». «Eu agradeço, mas não quero». «Então venha commigo que meu pae dá-lhe um grande premio». «Eu não preciso de nada». Ella então tomou um annel d'ouro e deu-lh'o e elle acceitou-o.

O homem foi á bicha e cortou-lhe as linguas das sete cabeças e embrulhou-as no lenço, que metteu no bolso.

Isto constou por toda a parte e como o rei tinha dado a palavra que dava a filha a quem matasse a bicha, um preto que soube d'isto foi ao monte, cortou as cabeças á bicha e foi com ellas ao rei, dizendo que tinha morto a bicha e que lhe désse a filha. «Minha filha não tens remedio senão casar com o preto.» «Meu pae quem matou a bicha foi um homem muito bonito que tinha tres cães e disse que não queria o premio, nem casar commigo e até eu por lembrança lhe dei o meu annel». «Não tens remedio senão casar com o preto, pois, elle é quem trouxe as cabeças.»

N'isto estava o casamento preparado e o homem que matara a bicha andava no monte á caça com uns caçadores e estes contaram que a filha do rei ia casar com o preto, e disseram: «Que pena aquelle ladrão ir casar com aquella rapariga.» O homem: «Então que casamento é esse?» «Foi um preto que matou a bicha de sete cabeças e o rei tem de dar a filha, como promettera, a quem matasse a bicha. A pobre menina diz que não foi o preto que matou a bicha e todos os dias reza a Santo Antonio que lhe depare o homem que matou a bicha.»

O homem calou-se e ao outro dia caminhou e foi a casa do rei. Chegou lá e disse que queria fallar a sua magestade; o rei, como estava embebido com o casamento do preto, não lhe quiz fallar. O homem repetiu outra vez o pedido e disse que, se elle não lhe queria fallar, que ao menos lhe fallasse a princeza d'uma janella sacada, que elle ia por causa da bicha das sete cabeças. N'isto o rei que soube que o homem que ia lá a troco da bichinha, mandou-lhe dizer que lhe fallava e appareceu mail-a filha e esta apenas lhe botou os olhos disse: «Oh meu pae! aqui está o homem que matou a bicha.» Então disse o rei: «O que me contaes da bicha? Como é que aqui me appareceram as sete cabeças da bicha?» «Como a bicha tinha sete cabeças devia ter sete linguas e ellas aqui estão.» O rei desembrulhou o lenço e viu as linguas; foi ver as cabeças e não lhe viu nenhuma; mandou matar o preto e disse ao que matou a bicha: «Então ahi tendes a minha filha». «Real Senhor, eu agradeço muito; mas não quero casar». «Pois, emfim, pedi o que quizerdes que eu tudo vos dou». «Real Senhor, eu nada preciso que tenho aqui tres cães que faço quanto eu quero, entro onde quero, vou onde quero e acabo o que quero.» O rei então deu-lhe uma medalha e as maiores honras da sua côrte.